

A LIBERDADE COMO CONDIÇÃO PARA A PAZ! AS CARTAS DE EL-AMARNA E O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DO SUL DE CANAÃ*



José Ademar Kaefer**

Resumo: *o objetivo deste artigo é apresentar o contexto histórico das cidades-Estado do sul de Canaã durante o período das cartas de el-Amarna. Para tanto, far-se-á o estudo das cartas enviadas ao Egito pelos governantes de três importantes cidades-Estado: Gezer (EA 267-272, 293, 297-300, 369 e 378); Gat (EA 278-284 e 366 (63-65 e 335)); e Laquis (EA 328-332 (EA 311)). A análise dará especial atenção ao comportamento dos governantes, especialmente de Milkilu, de Gezer, e Shuwardata, de Gat, em relação ao conluio ou não com a revolta que estava em curso contra o Egito, liderada por Lab'ayu, governante de Siquém.*

Palavras-chave: *Tell el-Amarna. Gezer. Gat. Laquis. Canaã.*

No final do século XIX e início do século XX foram encontradas em Tell el-Amarna, no Egito, a 300 km ao sul de Cairo, 382 cartas escritas em quase sua totalidade em língua acádica.¹ As cartas, supostamente encontradas acidentalmente (MYNAROVÁ, 2015, p. 37-46), correspondiam ao reinado de dois reis egípcios: Amenhotep III (1390-1352) e Amenhotep IV, também conhecido como Akenaton, o faraó monoteísta (1352-1336).² Este último, para acabar com o culto ao Deus Amon e substituí-lo pelo de Aton, transferiu a capital do império de Tebas para Amarna, um lugar com excelente proteção natural e especialmente construído em honra ao Deus Aton (KAEFER, 2018a, 121-140). Na transferência da capital, os escribas de Akenaton levaram consigo as antigas correspondências internacionais de Amenhotep III para a nova capital.

* Recebido em: 20.04.2019. Aprovado em: 06.08.2019.

** Pós-doutor pelo Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv, Israel. Doutor em Sagradas Escrituras pela Universidade de Münster, Alemanha. Professor no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP. *E-mail:* jademarkaefer@gmail.com

Depois da morte de Amenhotep IV, a cidade de Amarna foi abandonada por seu sucessor, que novamente transferiu a capital para Tebas. As cartas, tanto as do reinado de Amenhotep III quanto as de Amenhotep IV, foram, então, abandonadas junto com a cidade, supostamente num lixão, e permaneceram ali por mais de três mil anos. A forma do achado das primeiras cartas é duvidosa, mas a primeira escavação sistemática foi levada a cabo por William Matthew Flinders Petrie (MYNAROVÁ, 2007, p. 33-9; DAVIS, 2004, p. 28), que encontrou a maioria delas. Uma vez traduzidas,³ descobriu-se o grande valor que elas representavam.

As cartas de Amarna tratam, em geral, das relações internacionais do Egito com os grandes impérios da época, como Assíria, Babilônia, Mitani etc., e, principalmente, com os reinos vassalos.⁴ Elas são uma fonte única para conhecer, por exemplo, o contexto histórico de Canaã dos séculos prévios ao surgimento de Israel, que é o nosso objetivo principal neste ensaio. As correspondências entre os reis do Egito e seus vassalos em Canaã revelam, entre outros, que durante os reinados de Amenhotep III e Amenhotep IV (1390-1336) houve nas montanhas centrais de Canaã, a mesma região onde mais tarde surgirá Israel, uma grande revolta contra o Egito liderada por Lab'ayu, governante de Siquém (EA 252-254)⁵. A luta se estendeu para sul, em direção às cidades-Estado de Gezer, Gat e, talvez, também para Laquis; para o norte, em direção ao Vale de Jezreel, e ao leste, em direção à Pella, na Transjordânia. Após a captura e morte de Lab'ayu (EA 246), seus dois filhos continuaram a luta do pai (EA 255-256). Como essa luta terminou não se sabe, pois as cartas não revelam. O que as cartas deixam transparecer é que muitas cidades-Estado se posicionaram a favor e outras contra a insurreição. Se o líder da rebelião foi Lab'ayu, governante de Siquém, o líder da coalizão pró-Egito foi Biridiya, governante de Meguido (EA 242-246, 365). Nosso interesse aqui é conhecer a atuação da região sul de Canaã. Referimo-nos principalmente a três importantes cidades-Estado: Gezer, Gat e Laquis. Estas três cidades-Estado estão situadas na alta Sefelá, região que mais tarde pertencerá a Judá. Analisar as cartas enviadas pelos governantes destas cidades-Estado ao Egito será o objetivo deste ensaio. Isso deverá ajudar para a compreensão mais ampla a respeito do tipo de tratamento que o Egito dava aos seus vassalos cananeus, bem como dos efeitos que revolta de Lab'ayu teve sobre os territórios mais ao sul de Siquém.

GEZER

Gezer controlava uma vasta região no norte da alta Sefelá até a costa do Mediterrâneo. Ela era uma das mais poderosas cidades-Estado de Canaã no período de Amarna. Gezer consta na famosa estela do faraó Mernepta, do fim do século XIII,

com o seguinte dizer: “Canaã foi saqueada e Gezer capturada” (KAEFER, 2012, p. 23-5).

Em Amarna foram encontradas treze cartas, cujo remetente se identifica como governante de Gezer: EA 267-272, 293, 297-300, 369 e 378. A maior parte delas foi enviada por um governante de nome Milkilu (EA 267-271, 369). As outras foram enviadas por Ba‘lu-dani (EA 272 e 293) e por Yapa‘u (EA 297-300, 378). Uma (EA 369) foi enviada pelo faraó a Milkilu.

Doze das treze cartas são bastante breves, o que faz supor que a correspondência entre o Egito e Gezer era muito frequente. Por isso o alto número delas, se comparado com o número de cartas de outras cidades-Estado de Canaã. Iremos transcrever parte das mais relevantes, das demais se fará apenas um breve comentário. A introdução/apresentação de todas as cartas escrita pelos vassallos é similar, resume-se basicamente em declarar a fidelidade e submissão do governante de forma bastante humilhante. Por isso, não convém aqui dedicar espaço a essa parte.⁶

EA 267-271 e 369: Cartas de Milkilu

Na EA 267, além da fórmula de submissão, Milkilu diz apenas que ele está preparando o pedido que o faraó fez e de que está tudo em paz em Gezer. Supõe-se, portanto, que esta seja uma resposta a uma carta remetida pelo faraó, na qual ordena o envio de uma remessa especial de artigos. A aparente tranquilidade parece indicar de que estamos num contexto anterior às agitações que estarão por vir, como se verá nas cartas seguintes. Portanto, encontramos nos primeiros anos do reinado de Amenhotep III.

A EA 268 é similar à EA 267, também ressalta a submissão e a paz em Gezer. A diferença está em que aqui Milkilu informa o envio de um alto número de escravos e escravos para o Egito: quarenta seis mulheres servas e dez homens. É possível que esta carta seja uma resposta à EA 369, enviada pelo faraó Amenhotep IV ou Akenaton à Milkilu (COHAVI-RAINEY, 2015, p. 1631), onde o rei do Egito pede o envio de quarenta mulheres copeiras (NA’ AMAN, 2002, p. 77, n. 2). Em todo caso, a não menção a instabilidades sociais e de envio de tropas regulares egípcias parece supor que ainda estamos em tempos de “paz”.

A EA 269 é também uma carta breve, de 17 linhas, das quais oito são de saudação e submissão. Aqui Milkilu também faz menção a uma ordem recebida do faraó e acrescenta dois pedidos: que o rei envie tropas regulares e mirra para a cura. É a primeira vez que acontece um pedido de envio de tropas regulares, o que parece ser um sinal de que a tranquilidade mostrada nas cartas anteriores já não existe mais. Estaríamos, portanto, no início dos conflitos, provavelmente já no reinado de Amenhotep IV?

É interessante o pedido do envio de mirra, não visto em outras cartas. A mirra (amargo) é uma árvore que cresce em regiões desérticas do Oriente Médio e na Ásia. Sua resina, com propriedades anticépticas, era usada para a cura de fungos e bactérias. Devido ao seu aroma agradável era usada também como perfume⁷ e, ainda hoje, em rituais. O Egito, que a empregava também no processo de mumificação, produzia mirra em grande quantidade. De aí a razão do pedido de Milkilu.

*EA 270: Milkilu Corre Risco de Vida*⁸

(1-8): saudação e submissão

(9-13): *Que o rei, meu senhor, seja informado dos atos que Yanhamu está cometendo contra mim desde que saí da presença do rei, meu senhor.*

(14-21): *que ele está exigind[o] dois mil shekels de prata da minha mão. E ele diz para mim: “dê-me sua esposa e seus filhos ou te matarei”.*

(21-29): *Assim, que o rei seja informado sobre esses atos e que o rei, meu senhor, envie carros e que me leve para a sua presença, antes que eu pereça.*

Aqui Milkilu faz um desabafo contra o comissário do rei, Yanhamu, que o estaria extorquindo e fazendo ameaças: quer uma alta quantia em dinheiro⁹, a esposa e os filhos. É estranha essa acusação, uma vez que Yanhamu é um respeitado comissário do faraó que é mencionado em várias correspondências, especialmente nas escritas por Rib-Hadda, governante de Biblos (EA 66-140; 362).¹⁰ Seria isso um ato de extorsão por parte do comissário (MORAN, 1987, p. 316) ou estaria Milkilu retendo tributo? Em todo caso, Milkilu parece temer pela vida e pede que seja transferido para o Egito. É possível que ele já vivesse no Egito antes de ser designado governante de Gezer. A carta também menciona que ele há pouco esteve com o faraó (9-13). Quem estaria ameaçando Milkilu: Lab’ayu ou os ‘apirus ou ambos? A carta parece supor que aqui Milkilu ainda tem uma relação bastante próxima com o faraó, a quem pede para ser conduzido para ao Egito. Estamos, portanto, em outro período, onde o ambiente tranquilo das primeiras cartas parece ter chegado ao fim.

EA 271: Crescem as Hostilidades

(9-16): *Que o rei, meu senhor, seja informado sobre as fortes hostilidades contra mim e contra Shuwardata. Assim, que o rei, meu senhor, liberte sua terra da mão dos ‘apirus.*

(17-27): *Ou, então, que o rei, meu senhor, envie carros para nos levar daqui, antes que os nossos próprios servos nos matem. Ademais, que o rei, meu senhor, pergunte a Yanhamu, seu servo, sobre o que está acontecendo em sua terra.*

De certa maneira, a situação descrita nesta carta é uma extensão da descrita na carta anterior, com a diferença de que aqui o conflito está mais acirrado. O elemento novo são os ‘apirus, que estão tomando o território controlado por Gezer. A menção aos próprios servos representarem uma ameaça parece indicar que está acontecendo uma revolta generalizada e de que a situação está fora de controle. Tanto, que Milkilu pede novamente para o faraó retirá-lo de Gezer. Também o comissário Yanhamu é outra vez citado, desta vez para que sirva de testemunha sobre a gravidade do conflito.

Outro elemento novo é a menção a Shuwardata, governante da cidade-Estado de Gat (Tell es-Safi), cujas cartas serão analisadas adiante, que parece estar na mesma situação. A impressão é de que Shuwardata se encontra refugiado em Gezer e que juntos esperam que o faraó mande uma comitiva para resgatá-los a salvo para o Egito.

É possível que por trás desse conflito todo esteja Lab’ayu, governante de Siquém, que será o líder maior da revolta que está sendo gestada em Canaã contra o domínio egípcio. Os ‘apirus terão participação ativa nessa revolta. É possível, até mesmo, que o adjetivo ‘apirus seja aqui uma designação a todo e qualquer rebelde, incluindo os siquemitas. O curioso é que, mais adiante, Milkilu e Shuwardata irão se tornar aliados de Lab’ayu. Principalmente Milkilu, como se pode ver nas EA 250 e EA 289, mas também Shuwardata, que por isso é chamado pelo faraó a se explicar (EA 283). Estaríamos, portanto, no início da revolta siquemita, quando Milkilu e Shuwardata ainda eram fieis aliados do faraó e adversários de Lab’ayu (EA 254)? O momento da mudança talvez esteja registrado nas EA 253 e 254, quando Lab’ayu entra em Gezer e força Milkilu (e Shuwardata?) a uma aliança (EA 253,18-31; 254,16-29). Seria, então, que, a rebelião siquemita se estendera das montanhas de Siquém, em direção ao sul, até Gezer de Milkilu, e Gat de Shuwardata. Estes, então, recorrem ao Egito, para que este envie tropas regulares para proteger suas cidades das investidas de Lab’ayu. Mas, o Egito, no tempo de Akenaton, deixou Canaã abandonada à própria sorte (KAEFER, 2018a, p. 128-132), de forma que não restou alternativa aos dois governantes que se juntarem à rebelião, que, parece, ter sido a vontade dos seus exércitos (servos).

EA 272 e 293: Cartas de Ba’lu-dani

As EA 272 e 293 têm como remetente o governante Ba’lu-dani, que não identifica sua cidade de origem. Mas, conforme a análise petrográfica (GOREN; FINKELSTEIN; NA’AMAN, 2004, p. 275-6), ambas foram enviadas de Gezer. Por isso elas têm sido associadas à Gezer. Contudo, é possível que Ba’lu-dani fosse governante de uma cidade vizinha, que, por não ter um escriba, foi até Gezer

para escrever e enviar a carta. Em todo caso, as duas cartas são breves e basicamente têm a preocupação de informar que todas as cidades da região estão sendo atacadas pelos ‘apirus e que os governantes estão em fuga. E que ele, Ba’lu-dani, está de guarda dia e noite para proteger dos ‘apirus as cidades/aldeias que estão sob sua responsabilidade. Por isso, Ba’lu-dani pede que o faraó se informe com o seu comissário a respeito e que envie tropas regulares. Ou seja, há um conflito generalizado em toda região do entorno de Gezer.

EA 297-300, 378: Cartas de Yapa’u

As cartas 297-300 foram enviadas por Yapa’u, que também se apresenta como governante Gezer. Ele parece ter reinado num período bem breve nesta cidade-Estado. Inclusive, as EA 298-300 foram escritas numa cidade costeira, provavelmente em Gaza (GOREN; FINKELSTEIN; NA’AAMAN, 2004, p. 293-4), que era o centro administrativo do Egito na região.

Na EA 297, única escrita em Gezer e que também é uma resposta a uma carta enviada pelo faraó, Yapa’u se preocupa fundamentalmente em confessar sua lealdade e se diz parecer a “um pote de cobre amassado, por causa dos homens da terra de Sutu. Mas, depois de ouvir a doce respiração do rei, que chegou até ele (carta), seu coração se tranquilizou”.

As EA 298-300 relatam essencialmente cidades sendo tomadas, tendo os ‘apirus como a principal causa. O desabafo de Yapa’u na EA 299,17-26 expressa bem esta situação: “Os ‘apirus são mais fortes que nós”. Na EA 298, Yapa’u se queixa do seu irmão mais novo (20-29): “Que o rei, meu senhor, seja informado que meu irmão mais novo ficou hostil a mim e entrou na cidade de Mo’hazi e se comprometeu com os ‘apiru. E agora está fazendo guerra contra mim”.

Na EA 300, a situação parece ter piorado ainda mais. Assim ela diz:

(10-22): *Que o rei meu senhor seja informado a respeito do seu servo. As provisões da minha terra estão perdidas e agora não tenho mais nada. Que o rei envie tropas regulares. Elas podem restaurar minhas cidades e eu ficarei muito servil ao rei, meu senhor, como foram meu pai e meus ancestrais.*

Aqui aparenta já termos chegado ao ápice, quando os rebeldes, ao que parece, já tomaram o controle da região.

As demais cartas, EA 301, 302 e 378, recheadas de adjetivos servis, trazem apenas confirmações das ordens recebidas e de que ele, Yapa’u, está atendendo aos pedidos do faraó.

Enfim, à maneira de síntese, eis algumas constatações a respeito de Gezer: Primeiro, uma mesma cidade-Estado com três governantes, Milkilu, Ba’lu-dani e Yapa’u é um

caso raro nas cartas de Amarna (VÁSQUEZ, 2018, p. 123);¹¹ segundo, Gezer e o seu entorno se encontram em total ebulição; Terceiro, as informações são controversas, ora tudo parece estar bem, ora tudo parece estar fora de controle. Assim, também, parece dúbia a posição dos governantes, particularmente Milkilu, que sempre se apresenta muito submisso e fiel ao faraó, mas que por outras cartas se sabe que não é assim. Tomemos como exemplo a EA 290, uma carta onde Abdi-Heba, governante de Jerusalém, critica a aliança entre Milkilu de Gezer e Shuwardata de Gat. Ainda que esta carta não faça parte do grupo em análise, ela é importante para a compreensão do real comportamento de Milkilu e Shuwardata.

(5-13): *[Ve]ja, quanto ao ato que Milkilu e Shuwardata cometeram contra a terra do rei, meu senhor. Eles reuniram as tropas da cidade de Gezer, as tropas da cidade de Gath e as tropas da cidade de Qilti (Keila) (e) conquistaram a cidade de Rubutu. A terra do rei passou para os 'apirus.*

(14-18): *e agora, além disso, uma cidade pertencente a Jerusalém, cujo nome é Bit-NIN.IB, uma cidade do rei, passou para o lado dos homens da cidade de Qilti (Keila).*

Parece evidente a aliança feita entre Milkilu e Shuwardata, que, segundo Abdi-Heba, teriam reunido os homens de Gezer, Gat e Qilti (Keila) e conquistado a cidade de Rubutu, que fica entre Gezer e Jerusalém, provavelmente pertencente à última. Outra carta similar é a EA 289, onde Abdi-Heba denuncia a aliança entre Milkilu, Tagi, governante de Genti-Kirmil, e os filhos de Lab'ayu, com o fim de levar adiante a revolta iniciada por Lab'ayu, depois da morte deste. É possível que as duas cartas tratem da mesma aliança. E, por último, está ainda a EA 250, onde Ba'lu-UR.SAG, governante de Gath-Padala, queixa-se ao faraó de que os filhos de Lab'ayu estejam tomando suas terras e pressionando-o a fazer guerra contra o faraó. Nesta mesma carta Milkilu é acusado por Ba'lu-UR.SAG de haver feito um acordo com os filhos de Lab'ayu (250,31-39).

GAT

Gat (Tel es-Safi) era a poderosa capital dos filisteus, que na Era do Ferro I controlavam toda a região da alta e baixa Sefelá e não permitiam o desenvolvimento de Judá. O livro de 2 Samuel mostra que a ocupação dos filisteus chegou até Belém, que fica a 10 km de Jerusalém. Situada no centro da alta Sefelá, Gat fazia divisa no norte com Gezer, no sul com Laquis, no oeste com Asquelon e Asdod, e no leste com Betsames e Jerusalém.

Em 840 a.C., Gat foi completamente destruída por Hazael, rei de Aram. O livro de Segundo Reis 12,18 faz menção a este ocorrido, afirmando que Hazael capturou

Gat. E de fato, as escavações no Tel Gat revelam com evidência que Gat foi completamente arrasada neste período. No interior das casas foram encontrados somente corpos de mulheres, que ali se haviam escondido. Os homens haviam sido todos mortos em batalha.

Porém, já no tempo de Amarna, Gat era uma cidade-Estado importante e seu governante se chamava Shuwardata (LIVERANI, 1998, p. 80-81). Dele foram encontrado oito cartas em Tell el-Amarna: EA 278-284 e 366. Talvez nem todas, como as EA 278 e 279, tenham sido enviadas de Gat, mas de alguma cidade próxima (GOREN, FINKELSTEIN, NA'AMAN, 2004, p. 281-286).

EA 278-284 e 366: Cartas de Shuwardata

A exceção da EA 278, uma carta breve, onde Shuwardata relata apenas que está preparando o que o faraó ordenou, as demais são um grito de socorro diante da situação de conflito generalizado que vive Gat. Assim diz a EA 279:

(9-13): *Que o rei seja informado que a terra do rei está em [ru]ínas, foi tomada a cidade de Qiltu [p]elos tr[aidores].*

(14-23): *Que [o rei] envie [tropas] regulares e que o rei [es]cute [a] seus governantes das cidades para que nos levantemos contra eles e que possamos expulsar os homens rebeldes da terra do rei, meu senhor.*

Conforme a carta, “a terra do rei está em ruínas”. Uma das cidades, talvez a mais importante, depois da capital, foi tomada pelos rebeldes. Qiltu é conhecida na Bíblia por Keila ou Ceila, uma cidade filisteia, que dista a poucos quilômetros a sudeste de Gat (1Sm 23).

Shuwardata pede o envio de tropas regulares e aconselha o faraó a dar ouvidos aos outros vassalos das cidades-Estado, a fim de dar permissão para a organização de uma coalizão e acabar com a rebelião. Não há menção sobre quem seriam os rebeldes, como acontece em outras cartas e onde os protagonistas costumam ser os ‘apirus.

EA 280: Intriga com Jerusalém

(9-15): *O rei, meu se[nhor] deu permissão para fazer guerra na cida[de] de Qiltu. Eu fiz guerra e tudo está bem comigo. Minha cidade retornou para mim.*

(16-24): *Por qual razão ‘Abdi-Heba escreveu para os homens da cidade de Qiltu: “Tomem prata e [s]igam-me”? Que o rei, meu senhor, seja informado que ‘Abdi-Heba tomou a minha cidade do meu controle.*

(24-29): *Além disso, que o rei, meu senhor, investigue se eu tomei um homem, ou um boi, ou um burro dele. E isto é a verdade.*

(30-35): *Além disso, Lab'ayu está morto, que costumava tomar nossas cidades, mas agora 'Abdi-Heba é um outro Lab'ayu [e] e ele está tom[an]do nossas cidades.*

(36-40): *Que o rei seja informado a respeito dos atos do [s]eu servo. Mas eu não tomarei nenhuma atitude até o rei enviar de volta as palavras para o seu servo.*

Aqui está bem clara a sequência das duas cartas. Shuwardata recebeu a autorização pedida na carta anterior e organizou uma ação para retomar a cidade de Qiltu e teve sucesso. O tempo entre uma carta e outra, ainda que pareça, não é curto, pois, já estamos no final do levante organizado por Lab'ayu de Siquém, que agora já está morto (EA 245).

A posição de Shuwardata parece bastante dúbia. Aparentemente ele está do lado do faraó e preocupado em proteger suas terras. Contudo, ele é acusado de ter tomado servos (homens) e gado do faraó (24-29). Também a intriga com 'Abdi-Heba, governante de Jerusalém, que em outras cartas está com o faraó e contra a coalizão anti-Egito. Shuwardata acusa 'Abdi-Heba de instigar os homens de Qiltu a tomar dinheiro e de se juntar a ele (16-24), de ter tomado uma cidade de Shuwardata (24-29) e por tudo isso é chamado de novo Lab'ayu (30-35). Ou seja, por trás da rebelião de Qiltu (EA 279) estaria 'Abdi-Heba. Shuwardata, contudo, não se atreve a contra-atacar sem a autorização do faraó (36-40). Estamos, portanto, provavelmente, nos últimos anos do reinado de Amenhotep IV (Akenaton), quando, após a morte de Lab'ayu, líder da revolta, instaura-se uma disputa entre as cidades-Estado do sul de Canaã. Segundo Rainey (2015, p. 1586-7), a EA 280 é uma prova de que Akenaton não foi negligente em relação à situação em Canaã, como se costuma afirmar.

EA 281: Todos contra Shuwardata

A EA 281 é uma carta breve, que relata a conjuntura generalizada de disputa entre as cidades do sul de Canaã. Shuwardata diz que estão todos contra ele. O contexto descrito está em continuidade com a carta anterior (EA 280). As linhas 8-14 expressam bem esta situação:

Que o rei, meu senhor seja [informado que to]das as minhas cidades são hostis a mim. Assim, que o rei, meu senhor, envie tropas regulares e que elas ajam de acordo com o conselho do comissário em relação a eles.

É possível que, após a morte de Lab'ayu, a quem Shuwardata se havia aliado, o governante de Gat ficara sozinho. As cidades-Estado vizinhas, como Jerusalém, que eram contra esta aliança, aproveitam o momento para se vingar de Shuwardata.

EA 282: Shuwardata está Sozinho

Outra carta bastante breve, quase um bilhete, cuja única intenção é enviar um grito de socorro ao faraó: (8-14) “Que o rei, meu senhor, seja informado que estou sozinho. Que o rei, meu senhor envie um grande contingente de tropas regulares e que ele me salve”. Shuwardata está sozinho e pede desesperadamente por um grande contingente de soldados para salvá-lo. O contexto aqui parece ser continuação do apresentado nas cartas anteriores. Pode ser também, o que parece menos provável, que nos encontremos aqui numa situação anterior à morte de Lab’ayu, quando Shuwardata teve que fugir e se refugiar junto a Milkilu, em Gezer.

EA 283: Shuwardata é Chamado à Presença do Rei

Uma carta mais longa em resposta a uma anterior, onde Shuwardata foi chamado a prestar contas ao faraó.

(7-13) *O rei, meu senhor, escreveu-me: “Venha [na] presença do rei, seu senhor, para tomar e... (?)” Quem vai conceder entrar na presença do rei, meu senhor, para pegar o ouro e o ouro vermelho do rei meu senhor?*

(18-24) *Que o rei, meu senhor, seja informado que trinta cidades estão em guerra comigo. Eu estou sozinho. A guerra contra mim é forte. O rei, meu senhor, abandonou-me de sua mão.*

(25-27) *Que o rei, meu senhor, envie tropas regulares, que o rei, meu senhor, salve-me.*

(27-33) *Quanto a Yanhamu, o comissário do rei, meu senhor, que o rei pergunte a ele: “A guerra contra Shuwardata é forte ou não”?*

A situação de Shuwardata vai se tornando cada vez mais difícil. Por um lado, as cidades estão em guerra contra ele, trinta delas, um número elevado. E Shuwardata está sozinho. Por outro lado, também o faraó o abandonou, sua mão não o protege mais. E ainda por cima, ele é chamado a comparecer na presença do rei. Por qual motivo? Possivelmente por sua aliança com Milkilu e Lab’ayu.

EA 284: O Fim de Shuwardata

(6-12): *Que o rei, meu senhor, seja informado que toda a terra do rei, meu senhor, foi tomada. Eu estou sozinho, agora que Rahmanu, que supervisionou a terra do rei, meu senhor, partiu. O rei não tem mais ninguém. Que o rei me leve embora.*

(13-17): *Eu escrevi ao rei, meu senhor: “Ele conhece a minha situação”. Por que meu irmão é favorecido pelo rei? Que o rei, meu senhor, envie emissários, que eles me levem embora.*

(18-22): (Se) até lá, o rei, meu senhor, for enviar sua mão forte, então, aos pés do rei, meu senhor, sete vezes e sete vezes cairei por terra.

(23-26): Esteja ciente: [minha] cabeça está [na] mão do rei, meu senhor. Eles tomaram. Seus homens e sua casa eles tomaram.

A carta contém ainda mais nove linhas, que estão corrompidas, mas que é possível ler Shuwardata implorando ao faraó para que envie tropas regulares.

Estamos no mesmo contexto das cartas anteriores. É uma situação de total desespero. Todo território sob a responsabilidade de Shuwardata foi tomado e ele ficou sozinho. Também foi abandonado pelo comissário do rei e seu exército. Duas vezes Shuwardata implora ao rei, que envie uma tropa para levá-lo ao Egito. Ele reclama de que seu irmão (governante de outra cidade?) é favorecido, enquanto ele é abandonado. Por que o rei o teria abandonado? Provavelmente por sua conduta aliada a Lab'ayu, que agora está morto. Em síntese, Shuwardata se encontra em situação muito delicada. O projeto de liberdade liderado por Lab'ayu fracassou e ele ficou sozinho, sem território, sem proteção do faraó e temendo pela vida. O fim do governante de Gat parece estar traçado.

Em resumo, as cartas de Shuwardata aparentam três situações contínuas: A situação de Gat antes da rebelião de Lab'ayu, governante de Siquém; A situação da Gat aliada, por força ou não, a Lab'ayu e a reação da coalizão das cidades-Estado em defesa dos interesses egípcios; A situação pós-morte de Lab'ayu, quando acontece a retaliação das cidades vizinhas e quando Shuwardata se encontra sozinho, abandonado, inclusive, pelo faraó.

EA 63-65 e 335: As Cartas de 'Abdi-Ashtarti

Tem havido um longo debate sobre a procedência das EA 63-65 e 335, envidadas por 'Abdi-Ashtarti ao rei do Egito. As cartas não identificam a cidade de procedência. Rainey sugere alguma cidade da costa do sul de Canaã (2015, p. 1407-1406; 1624). Moran (1987) e Liverani (1998) sugerem Gat, como a cidade de procedência. A recente análise petrográfica confirmou a segunda hipótese, supondo que 'Abdi-Ashtarti teria sido sucessor de Shuwardata no governo de Gat (GOREN; FINKELSTEIN; NA'AMAN, 2004, p. 284). Portanto, provavelmente, depois da EA 284, Shuwardata foi morto ou destituído e substituído por 'Abdi-Ashtarti.

EA 63-65: 'Abdi-Ashtarti Sofre Hostilidades

As EA 63-65 são cartas breves e muito similares. Basicamente trazem a mesma informação: mencionam que 'Abdi-Ashtarti está obedecendo às palavras enviadas pelo faraó, informa de que ele está sendo vítima de hostilidades, sem dizer de

quem, e pede que o rei envie o oficial maior para protegê-lo. Na EA 64,14-23 há uma menção ao envio de dez mulheres pedidas pelo rei. Parece, portanto, que de fato estamos num outro momento em Gat, contudo, as hostilidades entre cidades continuam.

EA 335: Conflitos com Laquis e Jerusalém

(7-10): *Que [o rei]i, meu senhor, seja in[formado] que Tu[rbansu e] Yaptih-Hadda foram assa[ssinados] e [a cidade de L]akish está hos[til].*

(11-13): *Que [o rei]i, meu senhor, seja in[formado] que o tr[ai]dor to[mou] todos os meus colegas/irmãos.*

(14-21): *Que o rei, meu senhor, seja informado de que a cidade de Lakish é hostil e que a cidade de Morasti foi tomada e [a cidade de Jerusa]lém [é hos]til. Portanto, que o rei, [meu senhor, envi]e [tropas regulares].*

Aqui as cidades hostis já têm nome: Laquis e Jerusalém. Uma terceira, Morasti, foi invadida. As três fazem fronteira com Gat. Laquis ainda veremos mais adiante, Morasti é a famosa cidade-natal do profeta Miqueias (Mq 1,1.14), localizada na Sefelá, a poucos km ao sul de Gat.

Enfim, parece que, de fato, com 'Abdi-Ashtarti estamos num contexto pós-Shuwardata, pois o conflito não é mais com Lab'ayu e nem com os 'apirus, como era nas cartas de Shuwardata. O conflito agora parece bem mais uma disputa entre as cidades-Estado vizinhas (Gat, Laquis, Morasti e Jerusalém), devido à ausência de um poder maior (Egito), que impunha a estabilidade política na região. Esta situação parece se identificar com os últimos anos do reinado de Amenhotep IV (Akenaton).

LAQUIS

Laquis (Tell ed-Dweir) é a cidade-Estado mais ao sul do grupo em análise, cerca de 45 km a sudoeste de Jerusalém e 15 ao sul de Gat. Situada na região da alta Sefelá do sul, Laquis controlava o fértil vale do Hebron. No ferro II, Laquis era a cidade mais importante de Judá, depois da capital Jerusalém.¹² Após as conquistas assírias em 732 a.C., Laquis se tornou o centro da coleta de tributo do Estado de Judá. Em 701, Laquis foi destruída pela Assíria, depois de participar da desastrosa campanha liderada por Ezequias, rei de Judá (2Rs 18). Como testemunha da importância do feito, Senaquerib mandou pintar em baixo relevo as cenas da conquista de Laquis num quadro de 18 metros de comprimento (KAEFER, 2012, p. 41-44).

EA 328-332 e 311 (?): As Cartas de Laquis

Em Tell El-Amarna foram encontradas cinco cartas que mencionam Laquis como sua procedência: EA 328-332. E talvez ainda uma sexta (EA 311). São cartas bastante breves, enviadas por três governantes diferentes, todos de Laquis: Yabni-ilu, Zimredi e Shipti-Ba'lu.

A EA 328, remetida por Yabni-ilu, além da saudação, diz apenas que ele está cumprindo as ordens enviadas pelo faraó através do seu comissário Maya. Provavelmente o envio de um pedido especial de mercancias, uma vez que para o envio do tributo anual não se costumava escrever carta. A EA 329, enviada por Zimredi, é do mesmo feitio. Além da saudação, diz que está cumprindo as ordens do emissário do rei e está preparando tudo de acordo a sua ordem. Provavelmente também o envio de algum pedido especial.

As EA 330-332 foram enviadas por Shipti-Ba'lu. Na EA 330, depois da saudação, o governante informa que está cumprindo as ordens recebidas e que a cidade está segura. Aqui há um elogio a Yanhamu, o conhecido comissário do rei, que em muitas cartas é criticado pelos governantes, mas que aqui é dito que ele é o servo fiel do faraó. Parece ser um elogio encomendado. Na EA 331, após a saudação, Shipti-Ba'lu informa apenas que ele está tomando conta da cidade do rei e tudo o que ele tinha ele enviou ao rei. Na EA 332 somente é possível ler a saudação e submissão, o resto está destruído. Porém, esta é uma carta importante, pois aqui Shipti-Ba'lu se identifica como governante da cidade de Laquis, o que não acontece nas outras, e o que ajuda a identificar a cidade-Estado que ele governa. Em situação similar se encontra a EA 311, que recentemente, através da análise petrográfica, também foi atribuída a Laquis (GOREN; FINKELSTEIN; NA'AMAN, 2004, p. 289). Não é possível identificar o remetente e nem a cidade, apenas parte da saudação e a informação de que a cidade está sendo cuidada.

Em síntese, a exceção da EA 332 e 311 (?), as cartas de Laquis estão todas preservadas na íntegra. São correspondências breves, em resposta a ordens recebidas pelo emissário e, possivelmente, levadas por este de volta ao rei. São uma espécie de recibo de que a ordem chegou e está sendo cumprida. As cartas não trazem maiores informações sobre o contexto cananeu. Não há menção de ameaças de rebeldes, conflitos com outras cidades e nem pedido de envio tropas regulares, tão comuns em outras cartas. É possível que seja um sinal de que a revolta de Lab'ayu, de Siquém, não tenha chegado até a parte mais sul de Canaã.

Contudo, na EA 333, única carta encontrada em Canaã, no Tell el-Hesi (COCHAVIRAINY, 2015, p. 1622), escrita pelo oficial egípcio Pa'api a um vizir, as informações são bem diferentes. Assim diz a EA 333:

(4-7) Seja você informado que Shipti-Ba'lu e Zimreddi estão juntos fazendo agitações.

(7-18) *E Shipti-Ba'lu está dizendo a Zimreddi: 'O pai da cidade de Yarami escreveu para mim dizendo 'forneça-me [...] onze arcos e três dagas de bronze e três espadas, pois eu estou me rebelando contra a terra do rei e você irá ser meu aliado, ao meu lado'.*

Pelo relatado aqui, Shipti-Ba'lu e Zimreddi, possivelmente filho e pai, estariam participando de uma rebelião contra o Egito. Em outra carta, EA 288, enviada por 'Abdi-Heba, governante de Jerusalém, ao Egito, diz que Zimredi, governante de Laquis, foi morto por seus servos, que se juntaram aos 'apirus. Assim também Iaptih-Hadda, que foi morto no portão da cidade de Silo. Ou seja, Zimreddi aparece aqui já como governante, provavelmente no lugar de Yabni-ilu ou mesmo de Shipti-Ba'lu,¹³ talvez também morto. Curiosamente, as cartas enviadas pelos três governantes de Laquis não fazem qualquer menção a esses conflitos. Ou seja, parece-nos suspeita toda essa calma que as cartas de Laquis demonstram. Estariam os governantes de Laquis ocultando o real contexto da região? Isso explicaria a razão da brevidade das cartas, para apenas confessar a lealdade, a submissão e o cumprimento das ordens recebidas. Ou seja, a diplomacia parece já ser uma prática bem conhecida dos governantes do mundo antigo.

EA 273-274: A SENHORA DOS LEÕES E O CULTO A DIVINDADES FEMININAS

É relevante mencionar ainda outras duas cartas, que não têm o endereço da remetente, mas, que, provavelmente, também são oriundas do sul de Canaã. Segundo a análise petrográfica (GOREN; FINKELSTEIN; NA'AMAN, 2004, p. 277-279), elas foram produzidas na região de Gezer e, talvez, escritas pelo mesmo escriba que escreveu as cartas de Milkilu e de Shuwardata, também em Gezer. Ou, então, que o escriba de Gezer fosse chamado pelos governantes das diferentes cidades controladas por Gezer para escrever as cartas.

O interessante dessas duas cartas é que elas foram enviadas por uma mulher, que se identifica como "Senhora dos Leões" (Belit-neshet). A governanta (rainha) informa ao faraó de que as suas cidades estão sendo tomadas pelos 'apirus, entre elas as cidades de Ayalon, Zorah e Sapuma, que ficam um pouco a leste de Gezer. Estamos, portanto, na Alta Sefelá, entre Gezer, Ayalon, Betsames, Gat e Laquis. Possivelmente, no mesmo contexto das cartas vistas acima, um pouco antes da morte de Lab'ayu, quando toda a região se encontrava em ebulição social. Também aqui, os 'apirus, que se haviam aliado a Lab'ayu, são apontados como os causadores das ações rebeldes.

Na apresentação das duas cartas, a remetente não identifica a cidade que ela governa, apenas diz que é a Senhora dos Leões que está enviando a carta, o que leva a

supor que ela fosse bastante conhecida. Seria ela uma rainha ou a rainha mãe, que reina depois da morte do marido ou do filho?¹⁴ Talvez em Gezer, após a morte do seu filho Milkilu? Ou mesmo em Betsames? O mais provável, parece-nos, que a Senhora dos Leões governasse sobre uma cidade perto de Gezer, semelhante a Ba‘lu-dani (EA 272, 293), visto acima, que poderia ser Betsames ou mesmo em Sapuma, mencionada na carta como tendo sido tomada (EA 274,15-16). Possivelmente também era aliada da grande Gezer.

É muito interessante ter uma mulher governando uma cidade em Canaã e escrevendo ao faraó. É um caso único nas cartas de Amarna. Por que o nome Belit-neshet (Senhora dos Leões)? É difícil saber. É possível, que o nome esteja relacionado a alguma divindade cananeia da região, como a Deusa Anat, Astarte ou Aserá. No Tel Betsames foi encontrado um desenho de uma mulher (deusa) com trajes masculinos, em pé sobre uma cesta e segurando uma flor de lótus em ambas as mãos. É possível que a “Senhora dos Leões” seja uma referência a esta divindade (DOS SANTOS, 2018, p. 137-46). Mas, também, em outros sítios de Canaã foram encontradas divindades que podem ser associadas à Belit-neshet, como a Deusa com a flor de lótus, de pé sobre um leão, encontrada em Laquis (MAZAR, 2003, p. 271) ou o altar de incenso, de quatro chifres, encontrado no apiário de Rehov. O altar é feito de argila e contém duas Deusas nuas, com a árvore da vida entre elas (KAEFER, 2016, p. 32-4).

Convém mencionar ainda as cartas de Biblos encontradas em Amarna, dentre as quais, algumas fazem referência a uma Deusa denominada “Senhora de Biblos”, cuja identidade se aproxima a da “Senhora dos Leões” visto aqui. Na EA 77,1-6, Rib-Hadda, governante de Biblos, escreve a Amanappa, um oficial egípcio, dizendo: “Que Amon, o Deus do rei, teu senhor, e a Senhora da cidade de Biblos, conceda a você honra diante do rei, teu senhor”. Como se vê, a Senhora de Biblos é citada ao lado de Amon, o Deus supremo do panteão egípcio. A mesma fórmula é encontrada na EA 87,1-7, outra carta enviada por Rib-Hadda a Amanappa. Igualmente na EA 95,1-6, enviada por Rib-Hadda ao gran oficial egípcio, e na EA 102,1-7, onde Rib-Hadda, governante de Biblos, deseja a Yanhamu, comissário do Egito: “Que a Senhora de Biblos, a Deusa do rei, meu senhor, conceda a você honra diante do rei, teu senhor”. E, por fim, a EA 132,1-7, onde o próprio faraó é saudado por Rib-Hadda, com a proteção de sua Deusa: “Que a Senhora de Biblos fortaleça o rei, meu senhor”.

Isso é muito interessante, uma vez que em todas as cartas, norte, centro e sul de Canaã, enviadas pelos vassalos ao Egito não há qualquer menção a alguma divindade, fora o faraó. Neste contexto literário-político não há espaço para outro deus, a não ser o faraó, a quem o vassalo deve submissão e adoração incondicional. Ainda que, nomes como ‘Abdi-Ashirta (servo de Aserá), governante de Amurru (EA 60-65), e ‘Abdi-Ashtarti (servo de Astarte), governante de Gat e

sucessor de Shuwardata (EA 63-65, 335), indiquem provável culto a Aserá e a Astart, respectivamente.

CONCLUSÃO

Localizadas nas terras férteis da Alta Sefelá, Gezer, Gat e Laquis eram cidades-Estado essenciais para os interesses políticos do Egito, tanto pela produção de azeite de oliva, quanto para o controle da rota internacional, que por ali passava. As cartas enviadas pelos governantes destas cidades-Estado e encontradas em Tell el-Amarna são controversas. Em geral, além de informar que os governantes estão cumprindo as ordens recebidas, as cartas mencionam constantes ataques de rebeldes às terras do rei e, para os quais o remetente pede o envio de tropas regulares. Ou seja, toda a região está em uma grande convulsão social. A posição dos governantes, no entanto, é dúbia. Esta, aparentemente, é sempre de vítima e de fidelidade incontestável ao rei. Contudo, nas entrelinhas é possível perceber menções a cartas enviadas pelo faraó, onde este faz sérias acusações. Essas acusações também estão presentes em cartas enviadas pelos governantes das cidades-Estado vizinhas.

Portanto, o que é possível concluir é de que a rebelião iniciada por Lab'ayu de Siquém e continuada por seus filhos, após a morte deste, se estendeu até o sul de Canaã, sobre as cidades-Estado de Gezer e Gat e talvez também sobre Laquis. Num primeiro momento, os governantes recorrem ao Egito para pedir proteção. Ao não serem atendidos, não lhes resta alternativa que se juntar aos rebeldes. Esta é a situação em especial de Milkilu, de Gezer, e de Shuwardata, de Gat, que, diante das investidas de Lab'ayu, tornaram-se aliados da revolta, que parece ter sido também a vontade dos seus próprios servos (exército). Laquis, que é a cidade-Estado mais ao sul, parece não ter sido tão acometida. Após a morte de Lab'ayu, líder da revolta, estes governantes ficaram à deriva e passaram a ser atacados pelas cidades-Estado vizinhas, até serem mortos e substituídos pelo Egito. Contudo, a esperança de liberdade, daqueles e daquelas, cuja voz não se faz ouvir nas cartas, continua forte nas montanhas centrais de Canaã. Ela é condição indispensável para a paz.

FREEDOM AS A CONDITION FOR PEACE! THE EL-AMARNA LETTERS AND THE SOCIAL AND POLITICAL CONTEXT OF SOUTH CANAAN

Abstract: *the purpose of this article is to present the historical context of the city-states of southern Canaan during the period of the Tell el-Amarna letters. For that will be analyzed the letters sent to Egypt by the rulers of three important city-states:*

Gezer (EA 267-272, 293, 297-300, 369 and 378); Gat (EA 278-284 and 366 (63-65 and 335)); and Lachish (EA 328-332 (EA 311)). The analysis will pay particular attention to the behavior of the rulers, especially Milkilu of Gezer and Shuwardata of Gat, in relation to the collusion or not with the ongoing revolt against Egypt led by Lab'ayu, ruler of Shechem.

Keywords: *Tell el-Amarna. Gezer. Gath. Lachish. Canaan.*

Notas

- 1 Alguns dos tabletas são fragmentos de exercícios de alunos escribas, que praticavam a escrita cuneiforme.
- 2 Em grego, Amenófis III e Amenófis IV.
- 3 A principal referência, quando se trata da tradução das cartas de Amarna é Jorgen Alexander Knudtson, que reuniu e editou as primeiras 358 cartas. Foi ele que estabeleceu a ordem numérica das EA, considerando a cronologia, a geografia e a função, válida até hoje (RAINEY, 2015, p. 8). Sua obra de referência é: *Die El-Amarna-Tafeln. Mit Einleitung und Erläuterungen*, publicada em dois volumes em 1915 e reeditada em 1964.
- 4 Para a classificação das cartas veja: Kaefer (2018c, p. 165-175).
- 5 EA: iniciais de “El-Amarna”.
- 6 Para uma abordagem da apresentação/saudação das cartas de el-Amarna, veja Mynarová (2005, p. 397-406).
- 7 Cf. Ct 3,6;5,5.13.
- 8 Seguimos as traduções ao inglês de Moran (1987) e de Rainey (2015).
- 9 Que Rainey (2015, p. 1069) traduz por três mil shekels.
- 10 O comissário tinha muito poder. Ele era uma espécie de representante do faraó em Canaã.
- 11 Cf. cartas de Laquis.
- 12 Cf. Js 10,31-35; 15,39; 2Rs 14,19; 18,13-17; 19,8-9; Mq 1,13; Is 36,2; 37,8; Jr 34,7.
- 13 A ordem numérica das cartas estabelecida por Knudtson (*Die El-Amarna-Tafeln*, 1915/1964), não necessariamente segue a ordem cronológica exata.
- 14 Temos casos similares na Bíblia, como em 1Rs 2, com Betsabeia.

Referências

- COCHAVI-RAINEY, Zipora (ed.). *The El-Amarna Correspondence: a new Edition of the Cuneiform Letters from de Site of El-Amarna based on Collations of all Extant Tablets*, vol. II. Leiden-Boston: Brill, 2015.
- DAVIS, W. THOMAS. *Shifting Sands: the Rise and Fall of Biblical Archaeology*. New York: Oxford University Press, 2004.
- DOS SANTOS, Leide Jane Soares. Belit-Nehseti, cartas da Senhora dos Leões ao rei do Egito: EA 273 e EA 274. *Caminhando*, v. 23, n. 1, p. 137-146, 2018.
- GOREN, Y.; FINKELSTEIN, I.; NA'AMAN, N. *Inscribed in Clay: Provenance Study of the Amarna Letters and other Ancient Near Eastern Texts*. Tel Aviv: Tel Aviv University, 2004.
- KAEFER, José Ademar. As cartas de Tell El-Amarna e o contexto egípcio nos reinados

- de Amenhotep III e Amenhotep IV (Akenaton). *Estudos de Religião*, v. 32, n. 1, p. 121-140, 2018a.
- KAEFER, José Ademar. A resistência política pró-Egito em Canaã no período de Amarna. *Perspectiva Teológica*, v. 50, n. 1, p. 93-109, 2018b.
- KAEFER, José Ademar. As cartas de Tell el-Amarna: classificação. *Caminhando*, v. 23, n. 1, p. 165-175, 2018c.
- KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia II*. São Paulo: Paulus, 2016.
- KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012.
- KNUDTSON, J. A. *Die El-Amarna-Tafeln*. Mit Einleitung und Erläuterungen. Erster Teil Die Texte. Zweiter Teil: Anmerkungen und Register bearbeitet von Otto Weber und Erich Ebeling. Leipzig/Aalen: 1915/1964.
- LIVERANI, M. *Le lettere di el-Amarna: Le lettere dei “Piccoli Re”*, v. 1. Brescia: Paideia, 1998.
- MORAN, William L. *The Amarna letters*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1987.
- MYNAROVÁ, J. A. Comment on the Opening Passages of the Amarna Letters – Its Structure and Its Address. *Archiv orientální – Quaterly Journal of African and Asian Studies*, v. 73, p. 397-406, 2005.
- MYNAROVÁ, J. A. *Language of Amarna: Language of Diplomacy - Perspectives on the Amarna Letters*. Praga: University in Prague Press, 2007.
- NA’AMAN, Nadav. Dispatching Canaanite Maidservants to the Pharaoh. *ANES*, v. 39, p. 76-82, 2002.
- RAINEY, Anson. *The El-Amarna Correspondence: a new Edition of the Cuneiform Letters from de Site of El-Amarna based on Collations of all Extant Tablets*. Leiden-Boston: Brill, 2015.
- VÁSQUEZ, Carlos Mario. Uma dinastia governante em Gezer? Leitura a partir das Cartas de Amarna. *Caminhando*, v. 23, n. 1, p. 115-123, 2018.